

SER FALAR E ESCREVER

Introdução

Num artigo intitulado The Sounds of Silence, John Shotter, um especialista em psicologia social, discute a essência do indivíduo autónomo e integrado numa cultura específica. Defende John Shotter que não chega ser capaz de utilizar significados, valores e crenças. Esse indivíduo integrado e autónomo requer "instrução" sobre como desenvolver os "instrumentos psicológicos" apropriados, os meios de agir: não só para dar forma a pensamentos, acções e frases; mas também às suas percepções, e sobretudo para regular os efeitos que despoletam as suas acções sobre os outros. Só se o indivíduo usar meios de adequação das suas oportunidades é que pode actuar livremente, actuando assim unicamente da forma que sente apropriada às suas próprias e únicas circunstâncias (pag. 165). Melhor dizendo, o indivíduo só pode actuar livremente se for capaz de criar e se tiver a percepção de até onde pode ir. Só assim se sentirá seguro para participar activamente na sociedade a que pertence.

Grande parte do que se produz na sociedade actual tem como base a linguagem e muitas vezes a linguagem escrita. E para que um indivíduo seja capaz de contribuir activamente na sua realidade, é necessário que tenha algo para contribuir, mas também que saiba como fazê-lo. Assim será difícil sobrestimar a importância da disciplina de Português como língua materna na formação de indivíduos produtivos culturalmente.

Na sua escrita, o autor põe em marcha os meios de adequação das acções de que falava Shotter na citação acima, através de um estilo próprio. O estilo e mais especificamente a voz do autor no texto, funciona como instrumento regulador da sua produção.

George Sand define estilo como a língua bem compreendida. Ora para que uma sociedade viva, o indivíduo tem de compreender a sua língua desde muito cedo para que não seja na vida constantemente um ser adiado. E é através da experimentação na criação do seu próprio estilo desde muito cedo que o indivíduo poderá intervir pontualmente em paralelo com a consumação do seu presente pela vida fora.

E é interessante verificar como vagas sucessivas de gerações mais novas parecem estar a aprender melhor e a exprimir-se na sua realidade produtiva. Ao analisar uma amostragem (60) de produções escritas de crianças do básico e jovens do secundário verifiquei que as crianças do básico se exprimem com uma voz de autor mais espontânea e mais individual, isto é, têm uma voz mais equilibrada e transparente do que os jovens do secundário.

Estilo

Procurei neste trabalho sinais do cunho do autor em produções de crianças do básico e jovens do secundário. Para isso identifiquei marcas de expressão individual, alguns aspectos estilísticos que definem a voz do autor. A voz é parte do estilo. Mas o conceito de estilo é muito vasto, e por isso, classificando o sentido do trabalho passo a rever algumas definições de estilo.

A definição do dicionário do Círculo de Leitores apresenta estilo como:

1 - Maneira especial ou característica de dizer, escrever, compor, pintar; 2 - Hábito; 3 - Costume; 4 - Prática.

Se por um lado estilo significa o individual, por outro lado significa também a adequação às regras existentes. Historicamente, a definição de estilo tem evoluído de uma posição mais conformista para um sentido mais criativo conforme a sequência das citações que escolhi indicam. Para Jonathan Swift, estilo é palavras certas em lugares certos. Buffon, numa das definições de estilo mais glosadas, afirma que o estilo é o homem. Para George Sand o estilo é a língua bem compreendida assim como a pontuação é o estilo bem compreendido. A ideia de compreensão acrescenta a dimensão humanista a esta definição. Robert Frost, glosando Buffon, formula uma perspectiva ainda mais individualista. Para Frost o estilo é a maneira como o homem se vê a si próprio.

Embora tenhamos visto quatro definições representativas dos últimos quatro séculos, temos consciência da variedade de duas correntes de estudo da estilística. A tradição mais tratada no estudo do estilo é a tradição na perspectiva do leitor que estuda o estilo

dos textos clássicos, como crítica da literatura. Mais recente é a perspectiva do escritor no estudo do estilo.

O escritor estuda também os textos clássicos para neles identificar os bons exemplos a seguir nos seus próprios escritos. No entanto, a perspectiva do escritor segue também outras correntes de estudo da estilística, a corrente retórica e do ensino da composição que foram divulgadas principalmente pela tradição académica Americana. Essas tendências são essencialmente experimentalistas e terapêuticas pois o escritor procura experimentar e limar para melhorar certos traços estilísticos na sua própria produção escrita. Tem como objectivo adequar os meios de expressão de uma língua aos fins que o escritor tem em mente.

Edward Corbett tem uma boa revisão da literatura sobre estilo no seu artigo "Approaches to the Study of Style" (1976). William Stull em 1984 escreve um trabalho que intitulou "Literature, Literary Theory and the Teaching of Composition". Afirma o autor que embora a polaridade entre Teoria Literária e Ensino de Composição na cultura Anglo-Saxónica tenha cem anos de existência não reconhece o seu interesse. William Stull procura mostrar que aprender a ler e a escrever são actividades complementares e, por conseguinte, considera esta polaridade falsa.

William Stull ilustra a tendência que advoga as vantagens da leitura na formação do bom escritor. Por mais meritória que a intenção seja, parece que ainda é útil distinguir entre crítica literária, um estado avançado de expressão para fins muito particulares e as técnicas muito simples de pôr em prática no ensino da escrita, para fins diversos e a níveis menos sofisticados.

Pela utilidade que atribuo a essa polaridade sigo neste trabalho a definição de estilo e mais especificamente na definição de voz do autor Barnett & Stubbs's: Practical Guide to Writing (1975) e Mc Crimmon, Trimmer e Sommers Writing with a Purpose (1984). Nesta perspectiva, voz do autor é a manifestação do tom, distância e atitude.

Tom é um parâmetro textual que se define entre dois pontos opostos: informativo e afectivo ou emocional. A distância é outro parâmetro textual que se define entre dois pontos opostos: pessoal e impessoal. A atitude é a manifestação de vários traços distintivos que se polarizam entre um sinal + ou -. Os traços distintivos da atitude que isolei foram: factual, emocional, personalizada, ironia, percepções, reacções, ilustrações, inferências e evidências.

Metodologia e Corpus

Analisei um pequeno corpus de 30 composições de crianças do básico e 30 composições de jovens do 8º e 10º anos. Todos estes textos são amostras de comunicação com o adulto. Este tipo de comunicação é motivada pelo adulto de uma forma mais ou menos artificial na sala de aula. À partida temos a consciência que este tipo de discurso é parcial e mostra só aspectos limitados da comunicação dos sujeitos, pois daí estão excluídas amostras da comunicação criança-criança ou jovem-jovem mais natural e espontânea e, portanto, mais significativa. Nestas amostras de produção escrita observam-se sinais de manifestação individual através de um determinado número de indicadores de ordem semântica, sintáctica, morfológica e textual. Figuras de estilo, tropos e imagens ocorrem pouco frequentemente, pois parecem meios estilísticos não aprendidos.

A análise dos textos permite-nos observar dois aspectos de interesse.

1. Os textos evidenciam a utilização de estratégias de oralidade nos textos escritos. Basta-nos enunciar algumas das características do texto escrito (Deborah Tannen: 1982): densidade lexical, planeado, contextualizado, vocabulário formal. Os textos das crianças evidenciam maior número de sinais de linguagem oral, nomeadamente mais exclamações, deicticos que exprimem um contexto mais implícito, como 1ª pessoa, e relação a um tempo e espaço não explicitado, o deles, o hic et nunc. Os textos dos jovens exprimem um contexto mais abstracto deixando por explicitar pessoa, lugar ou tempo.

2. A voz do autor é permeável nos textos das crianças através das referências do tempo e lugar, pronomes de 1ª pessoa, expressões de gostos, desejos, promessas e opiniões, mesmo quando essas manifestações não são pedidas. As crianças usam adjectivos e advérbios mais frequentemente e a sua linguagem veicula frequentes aliterações, assonâncias e paralelismos.

Os textos dos jovens apresentam a voz do autor através de levantamento de questões, inferências e críticas, versadas na sua maioria em ideias feitas, frases feitas e clichés. Parece que o jovem entende a essência do texto escrito como distanciação, um maior grau de abstracção de que é capaz e apropriação de maneiras de

dizer que não são mais do que estratégias de dissimulação do seu eu.

Conclusão

O estilo é a afirmação do indivíduo em equilíbrio com a sociedade a que pertence. A expressão deste indivíduo é o único meio de afirmar a sua cultura sendo a linguagem escrita a forma de consciência do indivíduo na sociedade. A sociedade pode dinamizar a criatividade no seu seio através de terapias ao nível da escrita.

Este trabalho incipiente parece sugerir que o estilo se pode aprender desde tenra idade como forma de expressão individual, na disciplina de língua materna e pode ser incluído nos programas do básico. Tem, no entanto, de ser acompanhado ao longo da vida escolar do estudante. A aprendizagem do estilo poderá contribuir para a expressão individual mais equilibrada, e uma escrita mais controlada pelo seu produtor. Contribui para uma menor discrepância entre uma maioria silenciosa e só alguns eleitos que podem elevar a sua voz.

Não se sabe bem a razão porque o jovem parece esconder-se atrás de frequentes clichés e ideias feitas. Hipóteses podemos adiantar algumas: será que a aprendizagem de uma língua estrangeira faz com que o jovem fique estonteado com a criação de uma persona e faça concentrar as suas energias na dissimulação do ser por defesa pelas características próprias da idade? Será por incapacidade de controlar os meios de afirmação individual de uma maneira equilibrada, por não figurarem nos programas do secundário? Será por deficiência dos programas de leitura? De facto, a musicalidade das produções infantis parecem ecoar as obras de literatura infantil. As produções dos jovens denotam ausência de leitura.

Em seminários que fiz recentemente para professores do básico sobre o ensino da língua portuguesa, a ideia corrente era que no secundário o trabalho do básico não era devidamente desenvolvido. De facto, os programas do básico mais recentes têm algo de muito positivo. Os professores são levados a dar prioridade à integração da criança no seu meio socio-cultural e pôr a tónica no funcionamento da língua através da experimentação relegando o estudo da gramática para anos posteriores. Também é ideia corrente, pelo que me foi dado observar, que os estudantes chegam ao ensino superior com deficiências na sua expressão escrita. No entanto, para delinear

algumas razões disso seria necessário mais trabalho de aprofundamento deste.

Bibliografia

Barnett and Stubbs (1975), Practical Guide to Writing.
Boston, Little, Brown and Company.

Corbett, E. (1976), "Approaches to the Study of Style" in Gary Tate
(Ed). Teaching Composition: 10 Bibliographical Essays. Fort
Worth, Texas Christian University Press, 73-109

Mc Crimmon, J., J. Trimmer and N. Sommers (1984), Writing with a
Purpose. Boston Houghton Mifflin Company, 301-327.

Shotter, J. (1990), "The Sounds of Silence" in I. Parker and J. Shotter
(Eds). Deconstructing Social Psychology. New York,
Routledge, 165.

Stull, W. (1984), "Literature, Literary Theory, and the Teaching of
Composition" in M. Moran and R. Lunsford (Ed), Research in
Composition and Rethoric, London, Greenwood Press,
125-151.

Tannen, D. (1984) "Oral and Literate Strategies in Spoken and
Written Narratives", Language 58.1.1-21.